

mático influi. Compete ao Itamaraty designar, com um ano de antecedência, os países que devem participar do júri (quatro além do Brasil). E os resultados sempre demonstram que é quase impossível um jurado sair da reunião sem uma láurea importante para um patricio.

Divergências estéticas — A Bienal brasileira tem ainda outras características específicas que vêm interferindo no seu rendimento. Uma das mais frequentemente citadas é sua impermeabilidade ao espírito de discussão. “Quantas comissões foram formadas mas não ouvidas”, observa Maria Eugênia Franco, membro de uma delas (a que foi encarregada de estudar uma reestruturação, após a VIII Bienal) e crítica de arte atenta desde o tempo da primeira. Também Jayme Maurício formula essa queixa: “Como representante do Itamaraty na Bienal, este sempre ponderou as minhas sugestões. Mas não a própria Bienal. Quando lhe fazia qualquer crítica, era tratado como persona non grata, não ouvido e hostilizado”.

De fato, a Bienal gira até hoje em torno da forte personalidade de seu criador e mecenas, o industrial Francisco Matarazzo Sobrinho, 72 anos. Ele próprio teria comentado publicamente mais de uma vez: “Afinal, a Bienal c’est moi!” E ainda hoje concentra em suas mãos os poderes de indicar executivos (nos últimos dez anos, sempre escolhidos numa área artisticamente leiga) e reformar decisões. Há inclusive quem diga que a personalidade de “Ciccillo” pode ser a chave para uma das características atuais de sua Bienal: a indefinição de propósitos reais. Lembra dona Yolanda Penteado, que em 1951 o ajudou a criar o certame e era então sua mulher: “Sempre tivemos divergências estéticas. Sou uma fazendeira paulista, ele é napolitano. Meu gosto é mais radical. E, nos tempos atuais, a posição dele é muito difícil. Ele se sente na obrigação de agradar a todos”.

Vários televisores — Tudo isso, por certo, se aplica ao genérico, aos problemas da Bienal como um todo. A eles se somam as pequenas questões que de uma forma ou de outra sempre invadem os empreendimentos culturais brasileiros. Na noite de quinta-feira passada, véspera da inauguração, era comum ver, ao longo do imenso prédio, jovens artistas às voltas com rolos de pintura, serrotes e pregos. Preocupada com a montagem da parte internacional (na qual, segundo o testemunho dos comissários, a organização foi gentil e razoavelmente eficiente), a Bienal não pôde oferecer nenhuma infra-estrutura aos brasileiros. “Como boa mineira, sou precavida”, conta Teresinha Soares, 39 anos, senhora de sociedade e artista de vanguarda. “Trou-

xe meu próprio pintor.” Mas nem todos têm o mesmo poder aquisitivo, e foram obrigados a improvisar. O que deve ser, sem dúvida, uma das razões para a má apresentação do andar brasileiro, onde até os painéis utilizados foram os de pior estado de conservação.

E há as outras histórias, como as dos infalíveis atrasos. Algumas não tiveram grandes conseqüências a não ser no campo paradiplomático: “Os trabalhos de meu país aportaram em Santos na última semana de julho”, conta Ceferino Moreno, o comissário espanhol. “Quando cheguei, a 15 de setembro, descobri que ainda estavam retidos na alfândega. Só no dia 28 tivemos tudo no prédio da Bienal.” Mas outros fatos são mais desagradáveis e ridículos. Convidados a participar da seção “Arte e Comunicação”.

Primorosa técnica — E a arte nisso tudo? Em termos didáticos, seria conveniente separar claramente a participação estrangeira da nacional. Pois, se em ambas há a mesma impressão de empobrecimento, as razões são bem diversas.

Em termos internacionais, a XII Bienal de São Paulo não foi agitada por nenhuma manifestação inquietante da vanguarda. Projetos que no ano passado fizeram escândalo em Veneza, incorporando o artista à obra ou mesmo resumindo-a a ele, nada têm a ver com as comportadas idéias aqui reunidas. O próprio resultado do Grande Prêmio Itamaraty (10 000 dólares)* dado ao belga Jean-Michel Folon, 39 anos — ilustrador e cartunista, sensível, por certo, mas cujo estilo poderia ser encontrado há mais tempo que sua própria idade —, é um



CARLOS NAMBA

O júri reunido (*): discutindo critérios, como a qualidade da aquarela

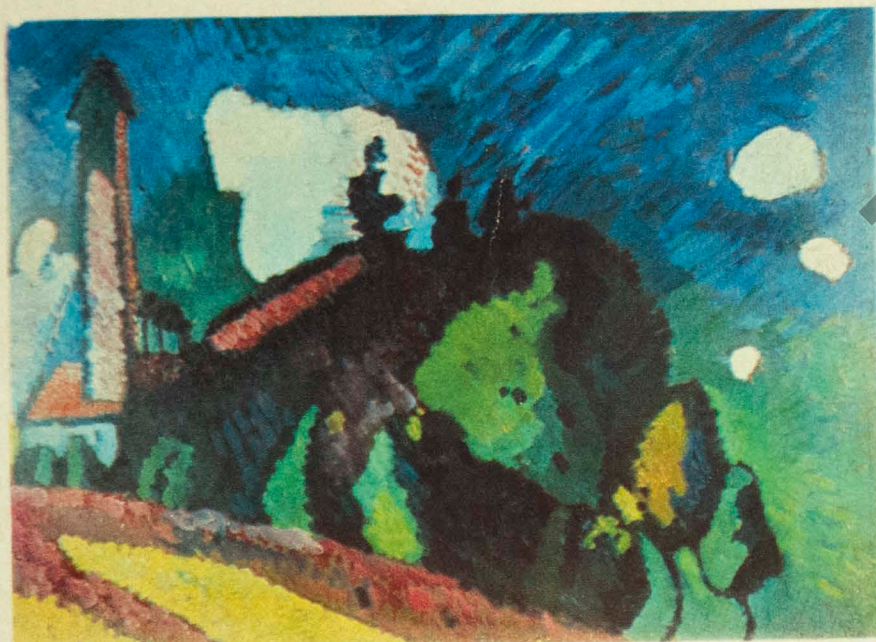
os artistas franceses Jean Otth e Fred Forest enviaram, há seis meses, um detalhado projeto, especificando uma área de 700 metros quadrados, as paredes divisórias e o complexo material necessário (inclusive vários televisores, oito linhas de telefone e máquinas xerox). Nada lhes foi dito sobre o andamento do trabalho. Só ao chegarem aqui descobriram não apenas que o espaço disponível era de 36 metros como também que nada mais tinha sido providenciado. E, na véspera da inauguração, sentia-se uma evidente sensação de incômodo ao ver Forest subindo desesperadamente pelas rampas, carregando ele mesmo os televisores que acabavam de chegar.

* A partir da esquerda: Jiri Kotalik, da Checoslováquia; Lin-Ke-Kung, da China; a secretária Rada Abramo; Antônio Bento, do Brasil; Donald Baum, dos Estados Unidos; e Robert Delvoy, da Bélgica.

bom exemplo disso. E os critérios usados pelo júri também carregam o peso do tempo. “Folon me lembra um pouco Klee”, argumenta o brasileiro Antônio Bento, 70 anos, eleito presidente dos trabalhos. “E gosto muito de sua primorosa técnica de aquarela.”

O comissário extra-oficial da Inglaterra Sheldon Williams, por sua vez, conta outro episódio esclarecedor. “Um dos

* Além do Grande Prêmio Itamaraty, foram distribuídos dez prêmios Bienal (2 500 dólares cada) a: Leonard Matsoso, África do Sul; Klaus Rinke, Alemanha; Johns Armstrong, Austrália; Dario Villalba, Espanha; H. C. Westerman, Estados Unidos; Hughes Patrice, França; Amalia del Ponte, Itália; Chihiro Shimotani, Japão; Franciszek Starowiesky, Polônia; e Bohdan Mrazekani, Checoslováquia. Extra-regulamentadamente, o júri criou uma “Grande Distinção Honorífica” para Miguel Berrocal, da Espanha, que não faz sentido nem justiça à contribuição do artista.



Kandinsky
Le Paysage à la Tour
1909



La Tache Rouge
1914



Accent en Rose
1926

continuação da página 146

acrescenta: "Era uma festa do espírito. A gente saía enriquecida da Bienal". Para isso, ela realizou no Brasil, ao longo de vários anos, salas especiais de nomes como Picasso, Klee, Munch, Mondrian. E ao mesmo tempo acompanhava tudo o que ia acontecendo no mundo das artes, trazendo e distinguindo aqui, com prêmios, artistas tão ilustres quanto Fernand Léger, Henri Laurens, Giorgio Morandi e Barbara Hepworth.

Esforços diplomáticos — A contestação em São Paulo e o início da doença grave da Bienal, em 1969, tiveram origens confessadamente políticas. Como protesto à censura de obras de arte e à detenção de organizadores da então recente Bienal da Bahia, um grupo de artistas decidiu promover um boicote, lançado oficialmente em Paris. Dos 25 brasileiros aqui residentes e convidados para salas especiais, quinze resolveram desistir — entre os quais nomes de importância inegável, como Ivã Serpa, Hélio Oiticica, Amélia Toledo, Maria Bonomi, Lygia Clark e Frans Krajcberg. E, nos países convidados, os artistas locais conseguiram impedir as representações dos Estados Unidos, França, Holanda, Venezuela e Suécia.

Em 1971, contra a XI Bienal, não houve resistência organizada. Mas, se o número de países estrangeiros subiu de 53 para 58 (critério culturalmente sem sentido mas que parece contar para a Bienal), os artistas brasileiros da geração média já estavam desinteressados. E não se fizeram representar.

Talvez por isso, para 1973 a Bienal sentiu necessidade de inventar novos recursos de sobrevivência. Mesas-redondas pomposas discutiram princípios teóricos e terminaram propondo uma seção "paralela" à Bienal tradicional, sobre o tema "Arte e Comunicação". Os esforços diplomáticos do Itamaraty — a quem compete, por convênio, fazer os convites — não foram capazes de evitar uma queda no interesse internacional (são agora 49 países, além do Brasil). E, para atrair os artistas brasileiros, foram instituídos júris de seleção regionais. Pelo menos qualitativamente o expediente não deu certo. A representação brasileira, confusa e hesitante, não consegue ser salva por nenhuma irrupção individual suficientemente brilhante. E certas salas especiais, tentadas na última hora — algumas até a título de homenagem póstuma —, perdem-se naturalmente no mar encafelado de obras.

Confronto sistemático — Estará então no fim a Bienal? Se, a cada tentativa, diminuem os países estrangeiros e a arte brasileira revela com maior clareza sua baixa de nível, haverá sentido em gastar os 9 milhões de cruzeiros que,

segundo um de seus assessores, a Bienal chega a custar a todos os governos interessados*?

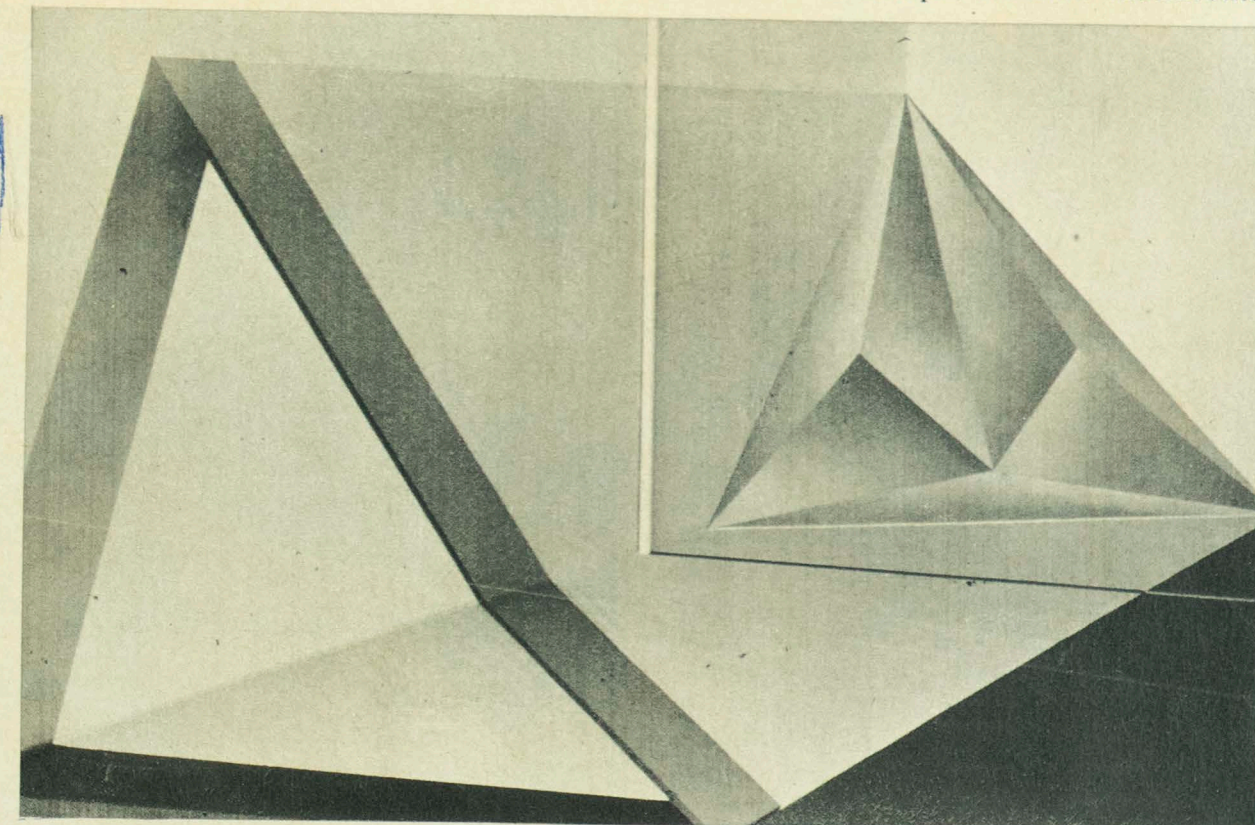
Na verdade, a questão é mais complexa. Em primeiro lugar, seria simplismo imaginar que a contestação à estrutura das bienais seja resultado de uma atitude política gratuita, sem fundamentos na realidade. As características básicas da iniciativa, estabelecidas pela Bienal de Veneza há 78 anos, são sua periodicidade, o espírito de confronto que ela estimula e a divisão segundo critérios nacionais. E é possível encontrar argumentos que, a esta altura, não legitimam nenhum desses três itens.

"Hoje em dia, há excesso de velocidade de informação", começa a argumentar o crítico Jayme Maurício, 47 anos, um dos fundadores do Museu de Arte Moderna do Rio e membro indicado do

mente, o órgão federal interessado é o Itamaraty, sem nenhuma interferência, sequer financeira, do Ministério da Educação —, convidam-se países e não indivíduos.

O sistema acarreta diversas mazelas. Primeiro, não é possível excluir nenhum país amigo, mesmo que sua arte não apresente maior interesse real. Segundo, a desunidade e o desnível entre as representações são flagrantes e servem para confundir o espectador pouco avisado. E, terceiro, o problema dos prêmios se transforma, quase, numa questão de honra nacional.

Nesse sentido, a França, por exemplo, se mostrou sempre ciosa de sua "grandeur", obtendo freqüentes prêmios, muitas vezes implícitos como condição de sua presença. Já os Estados Unidos, durante muito tempo, ficaram indiferentes



"Pontos de Vista", da Equipe Três: um dos melhores projetos do Brasil

Júri Internacional de Premiação da IX Bienal (ao qual renunciou). "As coisas acontecem ao mesmo tempo na Patagônia e na Noruega, sem que sejam pastiche. Temos que pensar se a arte ainda resiste a um confronto sistemático a cada dois anos. Talvez não possa haver novidade e progresso para justificar esse esmiuçamento periódico."

Por outro lado, o estabelecimento de critérios nacionais sempre envolveu as bienais numa camisa-de-força diplomática que nada tem a ver com arte. No caso de São Paulo — onde, significativa-

* Aos brasileiros, a XII Bienal custará cerca de 2 milhões de cruzeiros. O governo do Estado entra com Cr\$ 1.250.000,00, a Prefeitura com Cr\$ 100.000,00, o Itamaraty com Cr\$ 50.000,00 e empresas privadas com Cr\$ 120.000,00. Os Cr\$ 480.000,00 restantes deverão sair da bilheteria e dos catálogos (no máximo Cr\$ 200.000,00), e da contribuição pessoal de Cicillo Matarazzo.

às premiações. Durante o governo Kennedy, entretanto, iniciaram uma agressiva política cultural. O primeiro resultado talvez tenha sido o grande prêmio dado, na Bienal de São Paulo de 1963, ao pintor Adolph Gottlieb. Mas os maiores frutos vieram em Veneza, em 1964. Depois de uma entrada imponente, com uma exposição no pavilhão de seu país, outra no consulado e repetidos coquetés na casa da milionária, colecionadora e mecenas Peggy Guggenheim, Robert Rauschenberg foi o grande vencedor. E estava internacionalmente consagrada a pop art.

No caso brasileiro, nunca se chegou a delinear claramente nenhuma pressão, a não ser econômica. Muitos dos concorrentes aparecem comboiados por seus poderosos marchands e pode acontecer que comissários tenham contratos com galerias.

Mas é claro que o critério diplo-



David Wedgbury
A Rainha Recebe Cumprimentos (Inglaterra)



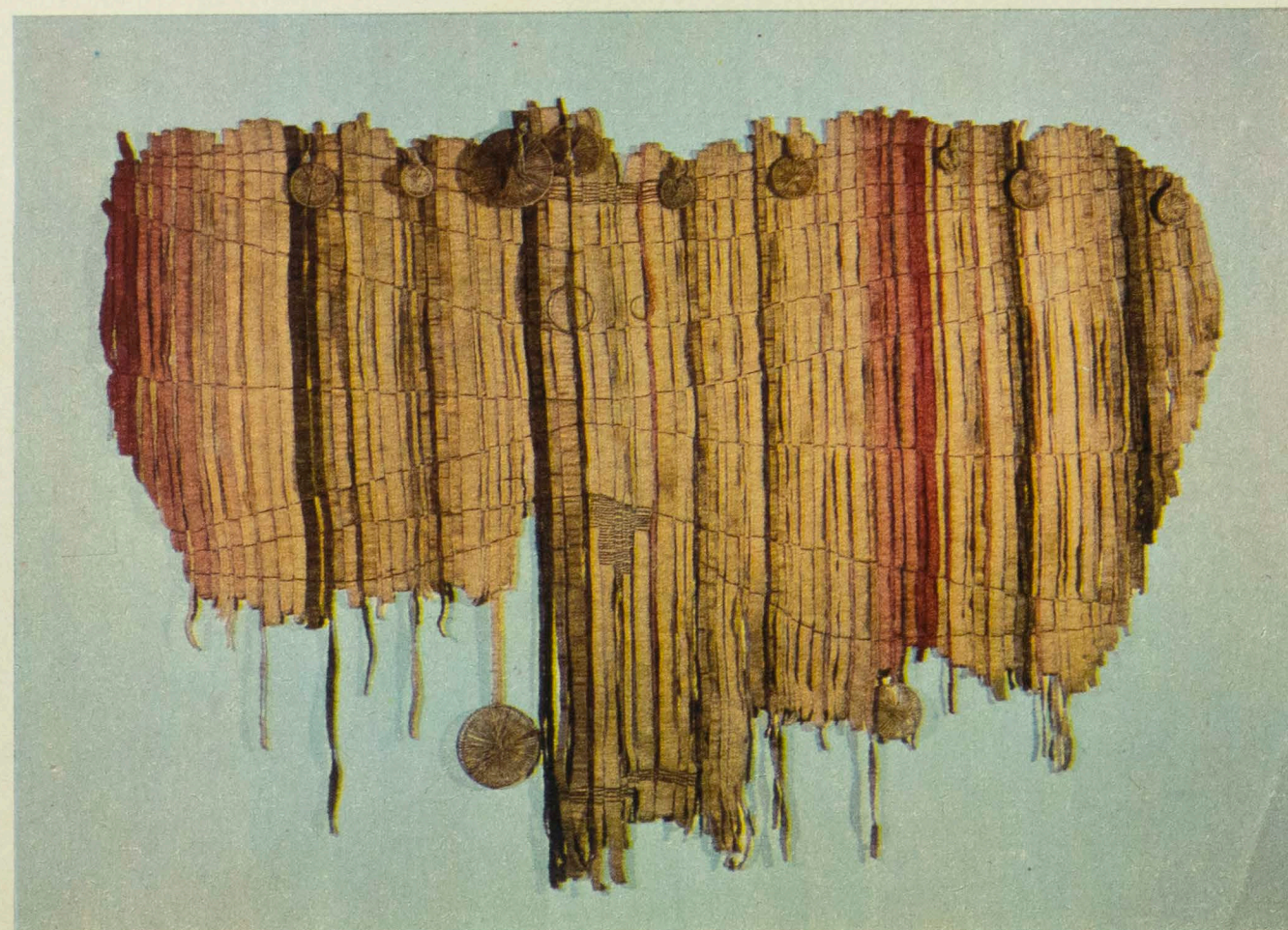
Christina Ramberg
Lenço de Cetim (EUA)



Chihiro Shimotani
Impressões na Terra (Japão)



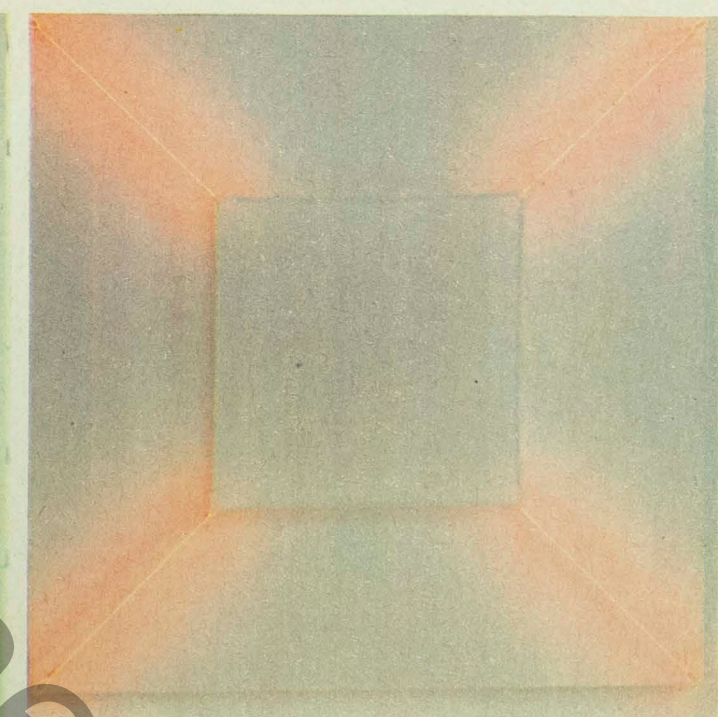
Tschang Kim
Gotas d'Água (Coreia)



Jindrich Vohánka
N.º 15 (Checoslováquia)



Klaus Rinke
Instrumento de Medir a Eternidade (Alemanha)



Giancarlo Zen
Tela e Neon (Itália)



A XII Bienal: no Pavilhão do Ibirapuera, a repetição de um antigo e complicado ritual

No limite da resistēncia

Para chegar ao Japão, pela esquerda, é preciso atravessar Alemanha, Espanha e Coréia. Pela direita, o caminho inclui Áustria e Inglaterra. E, em ambos os casos, o ponto de partida é uma escada rolante, que vai das portas da Argentina, no primeiro andar, até as dos Estados Unidos e Itália.

Nem sempre, porém, essa geografia fantástica é a mesma. A cada dois anos os países trocam de lugar. Alguns se ausentam, por diversas razões. Outros insistem, embora sua presença pudesse ser dispensada. Apenas o ritual permanece o mesmo, misturando diplomacia e política, resmas de papel em linguagem empolgada, comissários de gravata borboleta ou que viajaram de auto-stop, júris que distribuem prêmios em dólares e um indestrutível mecenas. Além, naturalmente, de obras de arte, artistas e público, em nome de quem se montou o espetáculo.

Monstro indesejável — Inaugurada, na sexta-feira passada, no Parque Ibirapuera, em São Paulo, a XII Bienal é pelo menos em um sentido a mais importante da série. Representa o resultado dos esforços para sobreviver feitos por uma estrutura achacada, nos últimos cinco anos, por males dos mais diversos. A contestação, na verdade, começou em Veneza, em 1968, logo após a revolução de maio de Paris, e parece ter sido uma consequência direta da revolta dos estudantes franceses.

Em junho daquele ano, a Bienal de Veneza — fundada em 1895, e a primeira da estirpe — foi ameaçada de invasão por grupos armados que viriam de toda a Europa. No fim, eles acabaram transformados em meia centena de jovens, recebidos pela polícia. E da confusão resultaram protestos, boicotes e reformas de regulamento que, entre outras medidas, aboliram os prêmios —

subitamente transformados num monstro indesejável.

Desde então, o combate às bienais se espalhou rapidamente. Em 1969 foi a vez da de Paris, com batalhas ideológicas também resumidas, no fim, a modificações regimentais. E logo em seguida coube à de São Paulo pagar seu tributo. Até aquela data, ela navegara por mares tranquilos e gozara das glórias do maior acontecimento artístico nacional. Além disso, cumprira, indiscutivelmente, uma função. "Antes dela", reconhece Iberê Camargo, 59 anos, um dos principais nomes da pintura abstrata no Brasil, "nós conhecíamos a arte internacional por exposições e reproduções esporádicas. Achávamos que Portinari era o paradigma do moderno." E a gravadora Fayga Ostrower, um dos dois únicos brasileiros já premiados oficialmente por Veneza.

continua na página 151

Nas páginas seguintes, algumas das obras mais expressivas desta Bienal



Miguel Berrocal
Escultura (Espanha)

Darío Villalba
Delincente (Espanha)

Jean-Michel Folon
Dia após Dia (Bélgica)



O homem procura o belo na arte e a verdade na ciência.



Como uma jóia, o Rolex é fabricado e montado por mãos de raro talento e cada Rolex é o resultado de um ano de paciente trabalho.

Sua coroa "Twinlock" é exclusiva, sua máquina cronômetro é ajustada em 5 posições e 3 temperaturas, seu Rotor Perpetual é ainda hoje o sistema automático mais perfeito e adequado, sua caixa Oyster é cinzelada num bloco maciço com garantia incondicional Rolex de impermeabilidade.

A satisfação de possuí-lo é quase tão grande como a de fabricá-lo.



ROLEX
Genève

Empunhadura em
nácar e bronze
França Meados do
Século XVIII.

Distribuidores e Assistência Técnica:
Relógios Rolex Ltda. - Av. Paulista, 2006 - 14º andar
(Em frente ao Conjunto Nacional) - São Paulo